PKS PUBLIC KNOWLEDGE PROJECT

REVISTA DE GEOGRAFIA (RECIFE)

http://www.revista.ufpe.br/revistageografia

OJS OPEN JOURNAL SYSTEMS

A FORMAÇÃO DE CONCEITOS EM MOVIMENTOS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: TESSITURAS EXPERIENCIAIS DO PIBID-GEOGRAFIA

Francisco Kennedy Silva dos Santos[1], Valdemira Pereira Canêjo[2], Josias Ivanildo Flores de de Carvalho[3], Laryssa de Aragão Sousa[4]

[1]Professor e Pesquisador do Programa de Pós-graduação em Geografia e do Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Líder do Grupo de Pesquisa Educação Geográfica, Cultura Escolar e Inovação (GPECI/CNPQ). E-mail: kennedyufpe@gmail.com

Artigo recebido em 07/05/2016 e aceito em 05/07/2016

RESUMO

Este trabalho tem como proposta apresentar os resultados empreendidos a partir de uma experiência de formação à docência no âmbito do Subprojeto PIBID-Geografia da UFPE. A prática aqui evidenciada e articulada com elementos de cunho teórico, pedagógico e metodológico é produto do Projeto "Cartografia Social como linguagem no processo de ensino e aprendizagem em Geografia", onde visa desenvolver com os alunos um novo olhar de ler e observar seu meio de forma crítica, reflexiva e situada. A iniciativa visou colaborar com o aprendizado e com proposições reflexivas para a formação de conceitos, em particular os associados diretamente a ciência geográfica. O trabalho sinalizou que é possível uma ação crítica, conduzindo o aluno a uma autonomia vinculada a sua realidade. Diante desta premissa, construir com autonomia sua realidade é descortinar as problemáticas vigentes do cotidiano e dos elementos que ilustram o desenvolvimento local e as atividades do lugar.

Palavras-chave: Formação de Conceitos; Cartografia Social; Ensino da Geografia; Prática de Ensino.

THE CONCEPTS OF TRAINING MOVEMENTS OF INITIATION TO TEACHING: TESSITURA EXPERIENTIAL OF PIBID-GEOGRAPHY

ABSTRACT

This paper aims to present the results undertaken from a teaching training experience under the Subproject PIBID-Geography UFPE. The practice here demonstrated and articulated with theoretical nature elements, pedagogical and methodological is Project product "Social Cartography as a language in the teaching and learning in Geography", which aims to develop in students a new look to read and observe their way of so critical, reflective and located. The initiative aimed to collaborate with learning and reflective proposals for the formation of concepts, particularly those associated directly to geographical science. The work indicated that a critical action is possible, leading the student autonomy linked to their reality. Given this premise, build autonomy with its reality is unveiling the current problems of daily life and the elements that illustrate the local development and the activities of the place.

Keywords: Concept Formation; Social Cartography; Teaching of Geography; Teaching Practice.

INTRODUÇÃO

Ensinar os conteúdos de Cartografia presente no livro didático aos alunos não é tarefa fácil, pois muitos professores não sabem nem por onde iniciar seu trabalho. Durante sua formação inicial não foram apresentados os meios mínimos para trabalhar essa temática decorrente de um currículo desarticulado e fragmentado, como aponta (GIRARD, 2011). Essa questão remonta o modelo de currículo, herdeiro de uma racionalidade instrumental, que se ancora no 'velho' esquema 3 + 1, ou seja, 3 anos de formação profissionalizante específica de áreas de conhecimento mais um ano de formação pedagógica, condicionando um proposta pedagógica de curso ampliando o hiato teoria-prática e sua descontinuidade dos processos associados ao saber fazer e saber ensinar (SANTOS, 2015).

Diante deste cenário, o conteúdo de Cartografia, campo de nossas analise, mas existem outros temas que apresentam a mesma problemática – condicionam o professor a negligenciar sua apresentação em situação de aula e ficam restritos ao plano didático e ao sumário do livro didático. Como enfrentar esses desafios, se o problema emerge da formação inicial, estando hoje estes profissionais em situação de ensino? Como descontruir o imaginário discente de ser 'um conteúdo a mais' para decorar, memorizar? Questionam, porque devo aprender este assunto?

Nesta perspectiva, mediar e promover situações problematizadoras para uma desconstrução e reconstrução de uma Cartografia situada, com sentido e significados apresenta-se como um desafio para o docente, professor de Geografia. Neste sentido, para aprimorar os conteúdos já vistos no livro e levá-los a questionamentos, reflexão sobre a finalidade da Cartografia é desafiador para o professor. O intuito é que a partir de uma leitura de mundo e seus rebatimentos nas múltiplas escalas, compreendam os problemas de seu bairro. Para tal, apresenta-se a Cartografia Social como meio mediático do entender o meio e o lugar em suas múltiplas dimensões. A Cartografia Social, portanto, possibilita um novo aprendizado, tornando-os críticos diante de situações pertinentes ao seu cotidiano, e, sobretudo do domínio da linguagem cartográfica, o que antes envolvia cálculos e memorização, agora contempla aos alunos um novo olhar de ler e observar seu meio.

Diante disso, Farias e Lima (2014, p. 250) afirma que,

> O domínio dessa linguagem é essencial para que sua formação como cidadão seja completa, pois o individuo que pensa o espaço deve dispor de instrumentos para atuar de forma consciente sobre o mesmo. Além disso, o mapa pode se tornar um instrumento de poder para quem sabe interpretá-lo, pois a compreensão do espaço possibilita atuar sobre o mesmo de forma intelectual.

Como surgiu a Cartografia Social? Como trabalhar em sala de aula os conteúdos de Geografia com uso da Cartografia Social? Será que os alunos gostam, relacionam com seu cotidiano?

Este trabalho tem como proposta apresentar uma experiência do subprojeto Pibid-Geografia da UFPE, realizada no primeiro semestre de 2016. A experiência é produto do Projeto "Cartografia Social como linguagem no processo de ensino e aprendizagem em Geografia: uma experiência do PIBID-Geografia/UFPE". A iniciativa visou colaborar com o aprendizado com os discentes do Ensino Médio, mais especificamente com a turma do 1ºano do turno da tarde da Escola Senador Novaes Filho, visando desta forma, a produção de mapas sociais que demostre em suas apresentações temas ligados ao seu meio – um mergulho no lugar, no cotidiano. Neste sentido, a Cartografia Social como forma de linguagem para o ensino de Geografia é relevante, pois possibilita de forma direta que os discentes façam leitura crítica-reflexiva de sua realidade.

CARTOGRAFIA SOCIAL COMO LINGUAGEM NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA

No Brasil, o conceito de cartografia social surge, no início da década de 1990, com o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. As primeiras iniciativas foram desenvolvidas em territórios da Amazônia Legal, e depois se estenderam para outras regiões brasileiras, especialmente na área rural. No entanto, já há experiências envolvendo comunidades urbanas. O mapeamento social geralmente envolve populações tradicionais extrativistas, ribeirinhos, agricultores familiares e indígenas, e são instrumentos utilizado para fazer valer os direitos desses grupos frente a grandes empreendimentos econômicos (GORAYEB, 2014).

As informações contidas no mapa social retrata o cotidiano, suas referências, expõe seus processos de territorialização e sua identidade numa base cartográfica, pois por meio do mapeamento social as pessoas buscam-se visibilidade dos interesses das comunidades na conquista de seus direitos. São mapeadas localidades, rios, lagos, cemitérios, casas, igarapés, grotas – independentemente de seu tamanho ou condição, os temas abordados são relevantes pelas próprias comunidades estudadas (GORAYEB, 2014).

Um aspecto importante sobre a elaboração dos mapas é que são feitos pelas pessoas que ocupam um território, nos quais apresentam a forma como vivem, trabalham os espaços simbólicos e afetivos. A produção do mapa envolve toda a comunidade, a participação na

construção do mapa é uma forma de fortalecer a mobilização de grupos, que se apropriam de uma ferramenta, a cartografia, para uso de seus interesses.

O mapa sempre foi utilizado como ferramenta pelo homem para sua localização e comunicação, importantes para que o indivíduo entenda o seu território. A leitura do mapa requer que o leitor interprete e reflita sobre as informações representadas. A cartografia escolar encontradas no livro didático reflete contextos diferentes dos alunos, que não tem interesse em aprender. É importante frisar que o mapa apresenta informações muito técnicas, distante da realidade dos leitores (GIRARD, 2011).

Sobretudo, nas últimas décadas a Cartografia vem se tornando como linguagem visual fundamental, pois com a crescente demanda das tecnologias, destacando neste contexto o georeferenciamento, advindo da revolução na década de 1980 com a microinformática acompanhada com a internet. Através desta ação a Cartografia propiciou uma popularização já que os mapas tem disponibilidade gratuita na rede com imagens de satélite, dados, cartas ambos georefenciados (ALVES, 2013).

O acesso à produção e acesso cartográfico propiciaram outras finalidades, a exemplo, consoante (ACSELRAD e COLI, 2008), o da inclusão dos diferentes grupos sociais, o que antes era voltado para uma minoria, agora abrange um grupo maior interessados neste trabalho, destacando os contextos dos indivíduos. Neste aspecto, a Cartografia não serve apenas para localização, mas entender o espaço e o território, onde os grupos possam expressar seus direitos, entender que o mapa feito por outras pessoas não apresenta informações prontas e acabadas, mas que por trás deste desenho, o ser humano pode auto cartografar o seu território, identificando os pontos importantes para sua formação.

Para Alves (2013, p.4),

> Orientado, sobretudo, por uma Geografia da existência e por uma cartografia que valoriza cada gesto e iniciativa. Nesta direção, a denominada cartografia da ação social possibilita o exame simultâneo de formas de apropriação do espaço (tanto urbano quanto rural) e de sentidos da ação, incluindo as suas origens, objetivos, formas de manifestação e simbologia.

Neste pressuposto, a Cartografia Social representa as variáveis importantes para cada território desde um auto-reconhecimneto da comunidade que participa, como procedimentos qualitativos, onde a comunidade é o ator principal, entre eles estão à linguagem oral e a representação simbólica. Quando vamos comparar com a Cartografia convencional (cartesiana) percebemos certa diferença, pois sua representação está voltada para o que é de interesse e de prioridade dos sujeitos.

A Cartografia Social no processo educativo contribui na reafirmação das identidades, materializa suas relações sociais e faz com os educandos entendam suas histórias (ALVES, 2013). O intuito consiste na construção de mapas que representem seus problemas e convívio coletivo respeitando sua criatividade. Não é apenas construir o mapa sem nenhuma finalidade, mas provocar nos alunos uma inquietação, reflexão sobre questões presentes em seu cotidiano. A Cartografia não pode ser vista apenas para assimilar as informações sem contextualiza-las, mas que seja um instrumento, onde educandos enquanto leitor e 'mapeador' ativo reflitam e questionem sobre os fatos apresentados.

Neste pressuposto, mapear numa perspectiva de construção do meio, compreender as relações, interpretar, refletir sobre a representação cartográfica, onde todos os educandos estejam envolvidos nesta construção. Parafraseando Dias (2009, p.2), "a noção de espaço é composta por um conjunto de ideias e imagens que se internalizam no indivíduo através da vivência no espaço, que permite criar representações". Sobretudo, o mapa não pode ser construído de forma individual, mas coletiva com a participação de todos, propiciando a troca de conhecimento, resgate de identidades e discussão sobre os problemas local dos educandos. A Cartografia Social possibilita esta construção participativa, envolvendo todos os sujeitos.

O ensino de Geografia não é apenas memorizar ou assimilar as informações, mas provocar a inquietação, propiciando aos educandos ampliar seus conhecimentos, significados com o uso das diferentes linguagens. Por isso, cabe ao professor, enquanto mediador, buscar outras formas de linguagem para aprendizagem.

A Cartografia Social como um ramo da Ciência Cartográfica é um exemplo disso, pois na medida em que o professor busca outros meios para entendimento do assunto, o aluno perceberá a aula atrativa e inovadora. Analisando, que a Cartografia não é de difícil interpretação como muitos pensam, mas possibilitar que os educandos terá facilidade de produzir o próprio mapa, abordando bem o tema e seus elementos necessários para construção. De acordo com Farias e Lima (2014, p. 251), "o ensino cartográfico deve ajudar a criança a construir um raciocínio que lhe permita pensar sobre o espaço. Ler o mundo significa ler o espaço e essa leitura começa com a apropriação da linguagem do mapa".

Sendo assim, os educandos enquanto sujeitos ativos cabem compreender o conjunto de elementos que a sociedade apresenta, isto é, está no mundo e com mundo, desenvolvendo ações que lhe permita construir representações locais e globais.

A ESCOLA SENADOR NOVAES FILHO: LÓCUS DE EXPERIÊNCIA DO PIBID GEOGRAFIA/UFPE

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) tem como proposta aperfeiçoar e valorizar a formação de professores na educação básica (CAPES 2016). Desta maneira, os participantes do Programa irão desenvolver atividades nas escolas públicas que contemplem os diversos conteúdos trabalhados em sala de aula pelo professor da disciplina havendo uma interação entre: alunos, bolsistas e professores.

A Escola Senador Novaes Filho, pertencente à Rede Pública Estadual de Pernambuco, está inserida no Bairro da Várzea na cidade do Recife. A atividade do PIBID foi realizada com alunos do 1° ano do Ensino Médio no turno da tarde. A experiência é produto do Projeto "Cartografia Social: como linguagem no processo de ensino e aprendizagem em Geografia", onde visa desenvolver com os alunos um novo olhar de ler e observar seu meio. O projeto foi executado durante o primeiro semestre letivo de 2016.

No âmbito do Projeto Cartografia Social foram realizadas sessões debates para aprofundamento teórico das temáticas, oficinas pedagógicas e de pesquisa-formação, elaboração e operacionalização das atividades envolvendo o grupo-escola.

A pesquisa formação é definida como sendo uma metodologia que contempla a possibilidade de mudança das práticas, bem como dos sujeitos em formação. Assim, a pessoa é ao mesmo tempo objeto e sujeito da formação (NÓVOA, 2004).

Para se firmar como processo investigativo que procura envolver seus participantes em projetos de transformação social, a pesquisa-formação rompeu com a concepção positivista de sujeito-objeto na relação pesquisador-pesquisado, propondo uma relação mais horizontal entre todos os participantes, inclusive os pesquisadores profissionais (acadêmicos), de maneira a se tornarem todos sujeitos com voz ativa e direito à participação. Essa sua atitude "se funda, principalmente, na posição de que a 'participação' assume no processo de pesquisa e na mudança de papel do clássico 'informante' que passa a ser 'sujeito', tanto para a construção do conhecimento como para a ação" (EZPELETA, 1989, p. 79).

Foram formados seis grupos de 4 a 5 discentes, onde discutiram sobre o tema para construção dos mapas temáticos, conceituais e procedimentais, apresentando tanto os problemas encontrados no bairro, como pontos positivos de seu lugar de vivência. Por meio desta abordagem foram suscitados as diversas categorias geográficas, tendo destaque paisagem, lugar, território e rede. As temáticas para materialidade dos conceitos foram relacionadas aos

seguintes elementos presentes no cotidiano dos educandos: Saúde; Acesso à educação; Pontos de cultura da Várzea; Uso do espaço Lazer/Feira; Saneamento Básico; Pavimentação.

Primeiro grupo, com a temática Saúde (FIGURA 1), construiu o mapa social, destacando o PSF-Posto de Saúde Familiar do bairro, apontando as dificuldades dos moradores para atendimento, falta de remédios, a contratação dos profissionais, sem amparo, demonstrando a precarização do trabalho. Foram pontos que os alunos levantaram que os moradores enfrentam constantemente ao acesso á saúde. Não é apenas implantar o Posto, mas dar suporte para sua permanência.

Figura 1: Construção do mapa sobre a temática Saúde: (imagem autorizada pelos responsáveis dos discentes após leitura e assinatura de Termo de Livre Consentimento – para uso científico). Fonte: Valdemira, 2016.

Segundo grupo, Pavimentação (FIGURA 2) destacou o descaso de algumas ruas que não são pavimentadas e que em tempo chuva os moradores sofrem para locomove-se, são ruas que dão acesso á escola, posto de saúde, casa dentre outros pontos.

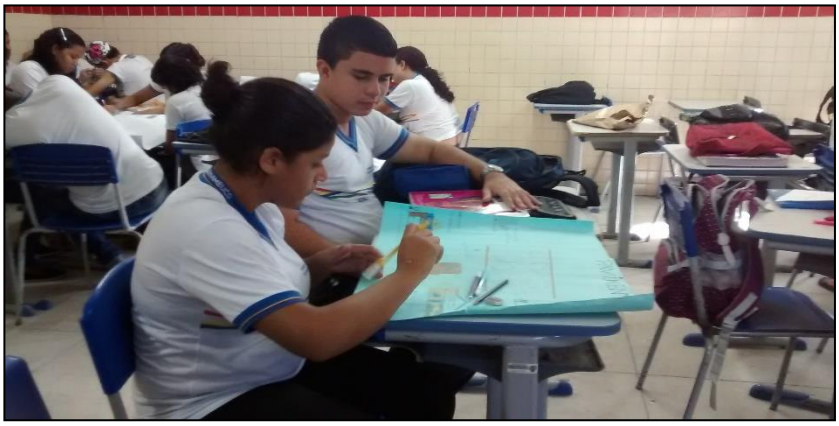

Figura 2: Construção do mapa sobre a temática Pavimentação: (imagem autorizada pelos responsáveis dos discentes após leitura e assinatura de Termo de Livre Consentimento – para uso científico). Fonte: Valdemira, 2016.

Terceiro grupo, Saneamento Básico (FIGURA 3), os alunos construíram o mapa, apontando que algumas ruas, até mesmo onde os alunos residem e o trajeto de casa à escola,

apresentam esgoto ‘a céu aberto’, onde propicia aparecimento de insetos, doenças de pele, dentre outros fatores. São problemas locais que os moradores vivenciam e que em período de chuva agrava a situação.

Figura 3: Mapeando as ruas sem saneamento básico: (imagem autorizada pelos responsáveis dos discentes após leitura e assinatura de Termo de Livre Consentimento – para uso científico). Fonte: Valdemira, 2016.

Quarto grupo, Acesso à Educação (FIGURA 4), este grupo mapeou a distribuição das escolas no bairro, abordando, os modelos de escola, modalidades de ensino e estrutura. Destacaram as condições de infraestrutura para acolhimento dos alunos e as dificuldades que eles enfrentam para chegar à escola, dentre outros elementos.

Figura 4: Mapeando a distribuição das escolas no bairro: (imagem autorizada pelos responsáveis dos discentes após leitura e assinatura de Termo de Livre Consentimento – para uso científico). Fonte: Valdemira, 2016.

Quinto grupo – abordaram Pontos de Cultura no bairro da Várzea (FIGURA 5). Os alunos destacaram que o bairro da Várzea é palco de grandes atividades culturais. É na Várzea que se encontra o Instituto Ricardo Brennand (com um acervo de peças medievais); O ateliê de Francisco Brennand (que retrata esculturas em argila); o Conservatório da Várzea; a Igreja de

Nossa Senhora do Rosário. Os educandos resgataram a cultura presente no bairro, mapeando o que tem de precioso para a população em termos culturais. Detalharam os trajetos de sua residência para chegarem aos pontos de cultura e os diversos percursos para quem mora em outro bairro.

Figura 5: Construção do mapa sobre a temática – Pontos de cultura do bairro da Várzea: (imagem autorizada pelos responsáveis dos discentes após leitura e assinatura de Termo de Livre Consentimento – para uso científico). Fonte: Valdemira, 2016.

Sexto grupo, Uso do espaço: lazer/feira (FIGURA 6), o comércio está presente no bairro. Os alunos ressaltaram em suas exposições que a população local iniciou esta atividade com vista à sustentar sua família. É uma oportunidade de montar seu próprio negócio seja pequeno ou grande. O comércio concentra-se na praça central, conhecida como Praça da Várzea. Os educandos mapeou a importância que a praça propicia aos moradores até mesmo os alunos que em horários vagos vão encontrar com amigos e passear.

Figura 6: Construção do mapa sobre a temática – Uso do espaço: lazer/feira: (imagem autorizada pelos responsáveis dos discentes após leitura e assinatura de Termo de Livre Consentimento – para uso científico). Fonte: Valdemira, 2016.

A Cartografia Social permite aos alunos desenhar, com auxílio do professor, mapas dos bairros, trazendo à tona os diversos elementos que o compõe (fixos e fluxos), indo além do registro de informações técnicas. Os mapas sociais são construídos de forma participativa e apresentam o cotidiano dos educandos. De acordo com Alves (2013, p.7) "A Cartografia da ação no contexto pedagógico pode levar os alunos a entender o papel do mapa e, sobretudo da Geografia como uma ciência viva e que está relacionada ao seu cotidiano". Neles, são colocados: casas, hospitais, escolas, pavimentação entre outros elementos que os educandos julgam importantes, (FIGURA 7).

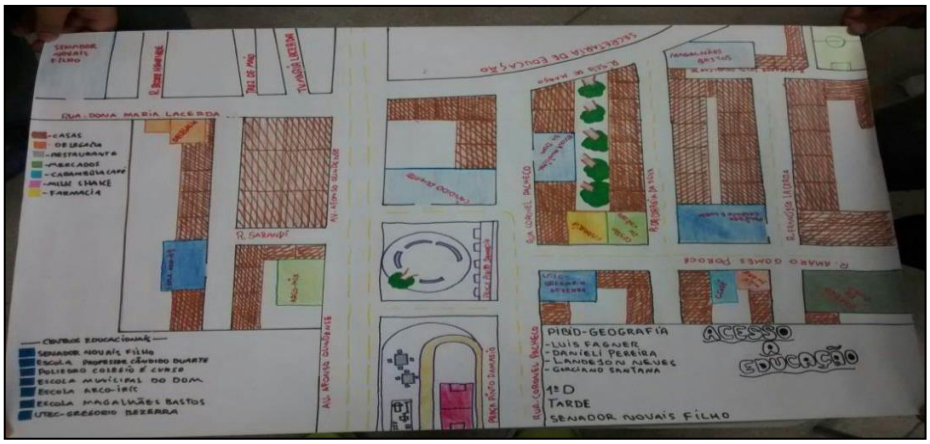

Figura 7: Mapa elaborado pelos alunos. Tema Acesso á educação: (imagem autorizada pelos responsáveis dos discentes após leitura e assinatura de Termo de Livre Consentimento – para uso científico). Fonte: Valdemira, 2016.

Neste sentido, na medida em que somos alfabetizados por meio da linguagem cartográfica, percebemos a importância que o mapa e os elementos que os constitui tem no cotidiano dos educandos, (ALVES, 2013). Através do mapa social podemos mapear um bairro, demonstrando conhecimento espacial tradicional e coletivo do local, identificando os elementos que não estavam associados aos limites exatos e geométricos.

Apresentação e discussão das temáticas, elegendo a Cartografia Social como linguagem para o ensino e aprendizagem em Geografia se deu através da construção dos mapas situacionais pelo qual os discentes identificaram os diversos problemas locais, que muitas vezes são evidenciados ou se o são não tem uma total atenção. O mapa retratou as dificuldades dos moradores em relação ao acesso à saúde (FIGURA 8), esgoto a céu aberto (FIGURA 9), ruas não pavimentadas (FIGURA 10), entre ouros elementos. Em contrapartida, destacou-se que o bairro da Várzea é privilegiado por pontos culturais (FIGURA 11); área de lazer como o caso da Praça da Várzea e o próprio comércio que a população local iniciou (FIGURA 12);

distribuição das escolas no bairro (FIGURA13), como as escolas são estruturadas, destacando todo o acesso à escola.

Figura 8: Apresentação do acesso à saúde: (imagem autorizada pelos responsáveis dos discentes após leitura e assinatura de Termo de Livre Consentimento – para uso científico). Fonte: Valdemira, 2016.

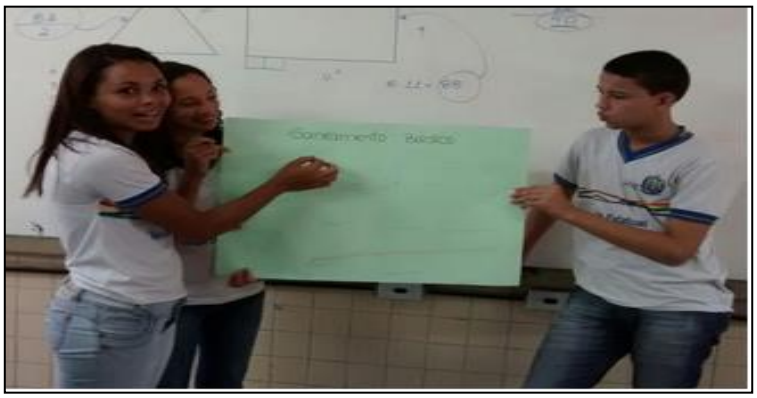

Figura 9: Apresentação das ruas com esgoto a céu aberto: (imagem autorizada pelos responsáveis dos discentes após leitura e assinatura de Termo de Livre Consentimento – para uso científico). Fonte: Valdemira, 2016.

Figura 10: Apresentação das ruas não pavimentadas: (imagem autorizada pelos responsáveis dos discentes após leitura e assinatura de Termo de Livre Consentimento – para uso científico). Fonte: Valdemira, 2016.

Figura 11: Apresentação dos Pontos culturais do bairro da Várzea: (imagem autorizada pelos responsáveis dos discentes após leitura e assinatura de Termo de Livre Consentimento – para uso científico). Fonte: Valdemira, 2016.

É importante salientar, que a construção do mapa, por meio da Cartografia Social possibilitou aos alunos uma reflexão do meio, pois no decorrer da apresentação os educandos deixaram claro que, a partir do mapeamento em grupo e com a participação de todos, os problemas que o bairro vem enfrentando descortinou-se aos seus olhares. São informações que muitas vezes é despercebido no mapa escolar. O mapa escolar, construindo fora do contexto do discente, apresenta "informação muito distante da realidade" (GIRARD, 2011), e que por meio da Cartografia Social tiveram outra percepção quando mapearam o local.

Nas apresentações e no decorrer da discussão do tema, os alunos apresentaram de forma referenciada os elementos necessários para o entendimento do assunto. A Cartografia Social proporcionou, em linhas gerais, aos alunos trabalhar de forma crítica e participativa demarcando seu local e identificando os pontos que merece destaque.

Figura 12: Apresentação Uso do espaço lazer/feira: (imagem autorizada pelos responsáveis dos discentes após leitura e assinatura de Termo de Livre Consentimento – para uso científico). Fonte: Valdemira, 2016.

Figura 13: Apresentação à temática- Acesso á educação: (imagem autorizada pelos responsáveis dos discentes após leitura e assinatura de Termo de Livre Consentimento – para uso científico). Fonte: Valdemira, 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscar outras formas mediáticas para um ensino situado e referencializado, nos encontramos com a Cartografia Social com possibilidade mediática do desenvolvimento de habilidades cognitivas que despertem a criticidade e autonomia discente e ao mesmo tempo tenha um rebatimento positivo na prática docente.

O rompimento com o velho modelo de ensino técnico e descritivo, que faz uso desordenado da linguagem cartográfica, remete um estreitamento do hiato teoria-prática dinamizando os conteúdos escolares, o currículo e consequentemente a aprendizagem discente, permitindo que esta seja significativa.

O trabalho com a Cartografia Social sinalizou que é possível uma ação crítica, conduzindo o aluno a uma autonomia vinculada a sua realidade. Diante desta premissa, construir com autonomia sua realidade é descortinar as problemáticas vigentes do cotidiano e dos elementos que ilustram o desenvolvimento local e as atividades do lugar. Neste sentido, descontrói-se a ideia de que a Cartografia é um assunto difícil e que não existem alternativas de entendê-la e sua materialidade é simples representação inanimada, abstrata.

O PIBID, como Programa de incentivo à docência, ao eleger diferentes linguagens para se trabalhar o ensino de Geografia, sinaliza meios para valorização da prática docente e seus impactos na formação dos licenciandos. Oportuniza, portanto a vivência na escola e sua contribuição direta na aprendizagem discente. A experiência com Cartografia Social possibilitou o acesso às diversas formas de interpretar e entender o meio, o vivido e o cotidiano em dimensões escalares, levando o aluno a refletir, questionar, indagar, pois a construção do conhecimento não é algo pronto e acabado que circunscreve-se em um fim, mas é um meio em constante movimento.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. COLI, Luis Régis. Disputas Territoriais e Disputas Cartográficas. In: ACSELRAD, H. (org.). Cartografias sociais e território. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008.

ALVES, T. S.. Cartografia da ação social: entre disputas e ações no ensino da Geografia. In: V Fórum Internacional de Pedagogia, 2013, Vitória da Conquista. Anais Fiped V. Campina Grande: 2013.

DIAS, Tielle Soares. Cartografia nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental: para ler além das convenções. In: 10° Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia (ENPEG), 2009, Porto Alegre. Anais eletrônicos O ensino de Geografia e suas composições curriculares. Porto Alegre/RS: UFRGS, 2009.

EZPELETA, Justa. Notas sobre pesquisa participante e construção teórica. In. EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. Pesquisa participante. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989. p. 77-93.

FARIAS, Paulo Sérgio Cunha; LIMA, Valeska Nogueira de. Práticas de iniciação cartográfica da criança na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. In: FARIAS, Paulo Sérgio Cunha; OLIVEIRA, Marlene Mácario de. A formação docente em Geografia: Teorias e Práticas. 1ª ed. Campina Grande: EDUFCG, 2014. p. 247-277.

GIRARD, Eduardo Paulon. A Construção de uma Cartografia Geográfica Crítica. In: Revista Geográfica de América Central. Número Especial – EGAL. Costa Rica. II Semestre 2011.

GORAYEB, Adryane. Cartografia Social e Populações Vulneráveis. Rede Nacional de Mobilização Social, 2014.

NÓVOA, António. Concepções e práticas da formação contínua de professores. In. NÓVOA, António (org.). Formação contínua de professores: realidade e perspectivas. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2004.

SANTOS, F. K. S. O professor de geografia na perspectiva do profissional comunicativo-transformativo. Revista de Ensino de Geografia, Uberlândia, v. 6, n. 11, p. 123-136, jul.-dez. 2015.